
Paulo Henrique Muniz¹

**O ESTUDO DA MORTE E SUAS
REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS,
SIMBÓLICAS E ESPACIAIS**

RESUMO: A morte é um fenômeno natural. Porém, nossa cultura ocidental contemporânea oculta isso em lugares como hospitais e cemitérios e em rituais fúnebres. A cultura apresenta questões históricas temporais e regionais particulares. Este artigo tem por objetivo falar sobre ritos, símbolos e espaços que obedecem a lógicas próprias e expressam como o homem encara seu destino final e suas práticas frente à morte.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Ritos Fúnebres; Cemitérios.

ABSTRACT: The death is a natural phenomenon. However, our contemporaneous occidental culture hides it in places like hospitals and cemeteries and in funeral rituals. The culture presents historical, time and regional issues. This article intends to talk about the funeral rituals, symbols and spaces, through rituals and their own logic that express how man faces his final destination, and their practices facing death.

KEYWORDS: Death; Funeral Rituals; Cemeteries.

Data de recebimento: 05/09/04. Data de aceite para publicação: 14/09/06.

¹ Graduado em História pela Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A morte faz o homem lembrar que as capacidades humanas em relação ao universo natural são limitadas. Uma nova imagem da morte se formou em nossa época; a morte é escondida e silenciada. Por ser entendida como feia e suja, foi banida do espaço familiar para as instituições hospitalares e para o cemitério. Com o aumento da expectativa de vida, a morte tornou-se mais distante, deixou de ser admitida como fenômeno natural e necessário. Agora, ela é sempre considerada como prematura ou acidental, sempre oculta na doença ou no acidente. Tal comportamento tanto por parte do moribundo quanto dos seus familiares traz intrinsecamente implicações psicológicas e sociais, além de culturais.

A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la cada vez mais com a ajuda da medicina, ou ainda, pela dinâmica da sociedade capitalista, que entende o morto como um ser não produtivo e os vivos com ser que quer tem tempo para expressar seus sentimentos e sepultar seus mortos. Esquecemos de refletir sobre a vida e negamos a morte, talvez seja por isso que sofremos tanto.

Com o advento da dita “história das mentalidades” no lugar da história rankiana (positivismo), o historiador passou a estudar as atitudes em relação à culinária, o amor, a religiosidade popular, enfim, à morte. Apoiado por disciplinas como antropologia, sociologia, filosofia, psicologia etc, arrisca-se a estudar aspectos até então obscuros do passado da história social e ou da história cultural.

A cultura é por nós entendida sob um duplo registro: “no sentido antropológico amplo de invenção coletiva e temporal de práticas, valores, símbolos e idéias que marcam a ruptura do humano em face das coisas naturais com a instituição da linguagem, do trabalho, da consciência da morte e do tempo.”² e no sentido de movimento pelo qual os seres humanos são capazes de uma relação com o ausente e o possível, sendo capazes de negar as condições imediatas de suas experiências e sendo capazes de criar o novo. Dessa forma, cultura é a capacidade humana de ultrapassar os dados imediatos da experiência e dota-la de um sentido novo trazido pela reflexão e pela escrita/leitura, ou seja, tratam-se de obras do pensamento.

Os lugares de sepultamento são espaços construídos socialmente e podem ser vistos como lugares de práticas sociais que traduzem leituras sociais. Neles, a religiosidade é perceptível como um recurso

² CHAUÍ, Marilena. “Política cultural, cultura política e patrimônio histórico”. In: **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, p. 39.

simbólico recorrente na significação cultural (observando a comunidade católica do Oeste do Paraná). Tais paisagens históricas deslocam o nosso pensamento não apenas para o patrimônio arquitetônico, mas para os valores, tradições, modos de viver, conflitos e tensões, processo de enraizamento: conjunto de relações sociais, culturais, econômicas e políticas neles contidos.

O cemitério é a terra dos antepassados, local onde passado e presente se chocam, onde as memórias afloram e as lágrimas correm: é o campo das orações. Mais do que uma instituição responsável por catalogar e asilar os restos mortais humanos, compreende um campo sagrado onde ocorrem manifestações sócio-culturais múltiplas; é um dos lugares onde o homem se relaciona com o transcendente, com o sobrenatural; é o local que nos questiona sobre qual o sentido da nossa existência. Quem somos? Para onde iremos? Lá, o homem manifesta toda sua crença e insegurança, certezas e esperanças através de símbolos e ritos.

O cemitério é um patrimônio cultural que abriga representações materiais e imateriais (extra-sensorial, impalpável) das manifestações (rituais e símbolos) do homem frente à morte, manifestações de saudade, tristeza, amor, fé, esperança. Enquanto patrimônio cultural, é riquíssimo em aspectos e símbolos que dizem quem somos e como nos organizamos. Arquitetonicamente, expressa nossa herança étnico-cultural (identidade) e hierarquia social, pois os túmulos são monumentos, símbolos indissociáveis do período e das sociedades que os produziram. A noção de “Patrimônio Histórico” deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens de passado vivo: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade.

A organização espacial dos Cemitérios é semelhante a um bairro, contendo quadras, ruas e construções. Dessa forma, estão impregnados de similitudes e diferenças presentes nas cidades dos vivos.

A presença junto ao túmulo do morto, o ir ao cemitério, acender uma vela, fazer o sinal da cruz e uma prece, ou simplesmente contemplar o túmulo, estimular a lembrança, recordar do morto em vida, ofertar flores e objetos do gosto ao falecido, mais do que uma participação habitual é uma cerimônia ritual: ela é a assistência a um espetáculo reconfortante de lembranças. A visita a um cemitério é como uma visita a um museu; especifica muito sobre o social e o cultural sobre o *modus vivendi* de um

³ MASAGÃO, Marcelo. “*Nós que aqui estamos, por vós esperamos*”. 1999.

determinado grupo. Busca-se registrar a vivência dos indivíduos que lá habitam e do universo que os cerca. A beleza do morto está nas particularidades das vivências daqueles indivíduos, “Pequenos homens, grandes histórias e grandes homens, pequenas histórias.”³ Cada túmulo possui ou possuiu os restos de um ser e este possui sua própria história que anseia ser contada.

As inscrições tumulares levam os vivos ao diálogo com os mortos. Expressam tristeza de despedida, saudade, fé, ou fazem menção àquilo que o morto representou em vida: biografia abundante nos epitáfios.

Os cemitérios possuem uma iconografia ao mesmo tempo folclorizante e erudita. Revelam valores próprios que encerram em si mesmos uma iconografia repleta de representações estereotipadas, dotadas de funcionalidades de valor artístico e simbólico. Nesse local, pretende-se cultuar a memória do morto, como ser social pertencente a uma família, a uma determinada classe social e como indivíduo.

O uso dos mesmos documentos faz com que a História local se torne repetitiva: “Nos últimos anos os historiadores locais têm invocado evidências visuais, numa tentativa de tornar mais compreensível o particular.”⁴ *Para tanto, são utilizados estudos topográficos, fotografias aéreas e a evidência oral. A evidência oral traz resíduos da cultura material e ajuda na compreensão e redefinição de história local, corrigindo o erro dos documentos (tradicionais) ou complementando os mesmos:* “O relato vivo do passado deve ser tratado com respeito, mas com crítica”⁵.

Para tanto, foram utilizadas fontes como entrevistas de moradores antigos da cidade (Toledo/PR), vizinhos dos lugares estudados, funcionários da prefeitura (fontes orais anônimas), fotografias policromadas, inscrições tumulares, imagens (santos, anjos e outras), mapas topográficos, alvarás de perpetuidade, livro registro de sepultamentos, constituição arquitetônica do cemitério e dos túmulos etc.

O mapa sempre foi um instrumento utilizado pelos homens para a orientação e localização, enfim para a comunicação. O objetivo da Cartografia é analisar o espaço terrestre e representar lugares, paisagens e o mundo de maneira geral. As diversas formas de representação servem de subsídios indispensáveis para a compreensão

⁴ SAMUEL, Raphael. “História Local e História Oral”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh Marco Zero, no 19, 1990.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ Representação: imagem, algo que representa o pensamento ou intenção de seu criador, que possui significados imediatos intrínsecos a imagem.

das dinâmicas sociais, e análise do espaço geográfico. O mapa explica geograficamente a ocorrência dos eventos, localização, a estrutura, a função e o processo espacial dos acontecimentos.

Cultura e significado estão intrinsecamente atrelados à representação⁶. De uma maneira ou de outra, refletem ou interferem entre si. Uma vez construída, a representação tem seu significado, que acaba sendo reflexo direto das representações, refletindo nossa experiência e também aquilo que somos, representando dessa forma, nossa identidade.

No aspecto cultural, a representação retrata o individual e o coletivo.

A cultura tem o poder de modificar e influenciar a identidade, dar sentido a experiência conquistada diretamente. Portanto, desempenha papel relevante nas relações sociais, que influenciam na produção dos significados conseqüentemente na representação, sobretudo na formação da sociedade, dos municípios e das cidades.⁷

2. DESENVOLVIMENTO

A morte na História está envolta pelo silêncio, edificou-se um tabu sobre a morte e o morrer, sobretudo, sobre o cemitério. Quando citada, a morte é uma mera coadjuvante, nunca a protagonista. É negada ou mascarada, justificada pelo estigma do progresso.

Porém a morte não desapareceu; está contida em atitudes e gestos, símbolos e lugares repletos de significados.

A ritualização da morte é um caso particular da estratégia global do homem contra a natureza, feita de interdições e concessões. Por isso, a morte não foi abandonada a si mesma e à sua desmedida, mas ao contrário, aprisionada dentro de suas cerimônias, transformada em espetáculo.⁸

Aquilo que Ariès chama de domesticação da morte, o homem tentou contê-la nos espaços e rituais: “A morte começou a se esconder, apesar da aparente publicidade que a cerca no luto, no cemitério, na vida como arte ou literatura: ela se esconde sob a beleza.”⁹

A historiografia existente abordou vários aspectos da constituição

⁷ KAMPMANN, Rodrigo Rafael. *A Geocartografia na Pesquisa dos Municípios: uma proposta para estudo*. Unioeste – Campus de Francisco Beltrão, 2003, p 3.

⁸ ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Vol. II. Tradução: Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p 659.

⁹ Idem, p. 515.

das sociedades e conseqüentemente dos municípios, porém nunca sobre o aspecto da morte. O imaginário dessas sociedades religiosas atribuiu significados religiosos pertinentes à mitologia Bíblica, principalmente no Gênesis ligando Adão e Eva no paraíso à símbolos (orantes, cruzes, flores e outros) e lugares. Nesses lugares, passaram-se a se desenvolver ritos que têm por finalidade encaminhar a alma do falecido para o paraíso.

Por que se deve estudar a morte? Ao se trabalhar com morte, trabalha-se, sobretudo com a memória. Mais do que tudo, a ida ao cemitério é um exercício de autoconhecimento, de busca de sua própria identidade: “Há um rede articulada dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente de si mesma”¹⁰

A visita dos cemitérios não cessa de ser recomendada. É do interesse dos mortais escutar as lições que lhes dão os mortos. É preciso se convencer da fragilidade de todas as coisas humanas diante dos túmulos dos mortos: os sepulcros são escolas de sabedoria. “...podem servir a alguns dos mais elevados desígnios da religião e da humanidade. Pode dar lições que ninguém pode se recusar a ouvir, todo vivo deve escutar. É uma escola de religião e de filosofia.”¹¹ nos ensina que a morte não se reduz à destruição.

Como se deve estudar a morte? A morte deve ser estudada através de suas manifestações sócio-culturais, símbolos e espaços que as sociedades destinaram a ela. Os cemitérios são lugares de memória, pois surgem das experiências da sociedade e não como objeto da História. São lugares onde emergem os significados, material, simbólico e funcional. Objeto de ritual, constituindo um jogo de memória e história. O Patrimônio Cultural não se separa da natureza humana, uma vez que ela é uma construção humana. Atribui-se a ela uma série de significados e sentidos, que nos permitem avançar em direção à sua dimensão política, econômica e social. Deve-se compreendê-lo como espaço de disputas e lutas, jogo de interesses.

Uma coisa é encarar a morte a partir do conceito freudiano de que o “objetivo derradeiro da vida é sua própria extinção”, como condição humana; outra é pensar a realidade de cada morte individual. Daí a

¹⁰ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: Puc, 1981, p. 27.

¹¹ ARIËS. op. cit., p. 579.

¹² CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Cemitério Municipal São Francisco de Paula: Monumento e Documento*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v 22, n.104, abr. 1995, p. 03-04.

importância da cultura, das questões histórico-temporais e regionais. Obedecendo a ritos e lógicas culturais próprias, para a compreensão como o homem encara seu destino final.¹²

O cemitério é um patrimônio cultural que contribui para a constituição das identidades. Qualquer prática social implica que os participantes tratem os outros participantes e a si mesmos de modo peculiar. Quem são os participantes para si mesmos e quem é cada um para os outros é essencial à natureza de qualquer prática social. É, ao mesmo tempo, aprender o que significa ser um participante, quais as regras e os papéis de cada indivíduo no grupo. Deve-se enterrar seus mortos sob a pena de no dia da sua morte não ser velado ou ser sepultado por ninguém e permanecer esquecido até mesmo no dia de finados. Não serão os mortos que cobrarão tal dívida no futuro, mas sim os vivos que o cercam. Esse é o sentido da reprodução social, permitir a continuidade dos costumes e a integração entre os homens na alegria e na tristeza, na felicidade e na dor.

Os túmulos são suportes de informações, as coisas não nascem como documentos (monumentos), têm uma função social determinada, é o historiador que os transforma em um símbolo de uma era. O documento se constitui monumento quando lança um olhar interrogativo sobre a coisa e pergunta-se nome, material, quando, como e onde foi feito, por quem, ou seja, sua função social. Os símbolos existem e possuem três significados imediatos; funcional, material e ritual. Usos e utilidades simbólicos possuem função diferente no momento de produção, o presente pode, inverter esse significado.

A história local dá uma idéia imediata de passado ao pesquisador, onde detalhes das classes sociais, diferenças ocupacionais e trajetórias de vida individuais devem ser apurados. Ela desperta o interesse das pessoas uma vez que elas estão sempre colocando para si mesmas questões relacionadas ao local onde vivem e onde viveram seus antepassados.

A análise de lápide, pedra com inscrições comemorativas de determinado acontecimento, no caso a morte, nos “fala” quem era o morto e onde ele viveu, ou ainda, o que representava para aqueles que não morreram (pois não é o morto que se identifica e sim seus entes). A laje que cobre os túmulos consiste em um monumento. O próprio cemitério também merece ser analisado como tal: “Atendendo à suas origens filosóficas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o

¹³ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 535.

passado, perpetuar a recordação”¹³. O monumento funerário destina, entre outras coisas, principalmente a perpetuar a recordação no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte.

Assim também, a postura física em que se coloca o cadáver não é universal. Às vezes, atende a pressupostos religiosos; em outras, simboliza a posição que o finado ocupava na sociedade: em pé, para os militares; com a cabeça separada do corpo para os assassinos guilhotinados; a posição fetal; sentado, como entre os mulçumanos da Síria, ou deitados de costas com a cabeça virada para Meca; como os demais mulçumanos, e assim por diante.¹⁴ A morte, além de física, é eminentemente um aspecto sócio-cultural e sua consciência é uma marca de toda a humanidade. As pessoas morrem e seus corpos se transformam em objetos inanimados que, de formas múltiplas e diversificadas, podem ser enterrados, queimados, embalsamados, defumados, desmembrados, cozidos, comidos ou simplesmente abandonados.

Para alguns, a morte é um desaparecimento; para outros, uma transformação, pura e simples, porém a idéia que tem prevalecido na história da humanidade, daí porque terem os rituais funerários por finalidade resolver questões que a morte provoca e “a necessidade lógica de separar o morto e transportá-lo para outro mundo”, pois é preciso fazer algo com o resíduo que a morte deixou...¹⁵

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Irmã do sono, filha da noite, a morte é introdutória aos mundos desconhecidos do Inferno ou do Paraíso, o que revela sua ambivalência, como à terra, aproximando, de certa forma, os homens dos ritos de passagem. Afinal de contas *mors janua vitae* (a morte é porta da vida). A idéia de morte se tornou uma condição transponível e passageira, pois o crente geralmente reluta em acreditar que a morte absoluta ou o aniquilamento possa pôr fim à sua existência e, por isso, espera ter sua vida prorrogada indefinidamente.

Falar de morte é constatar o que os vivos e suas diferentes culturas pensam e encaram como sendo a morte. A morte não é um drama unicamente pessoal, mas sim o drama de uma comunidade que súbita ou lentamente vê um membro deixar de desempenhar um

¹⁴ CAROLLO. Op. cit., p. 4.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ Apud. ARIÈS, p. 589.

papel social definido. Um dos aspectos mais marcantes da morte é o impacto emocional que ela causa nos sobreviventes. Amar seres que já não existem é arrancá-los do nada e criar em nós mesmos essa segunda existência. Segundo Dr. Robinet, “o homem prolonga para além da morte os que morreram antes dele (...), continua a amá-los, a conhecê-los, a entretê-los depois que deixaram de viver, institui-se em sua memória um culto.”¹⁶ A morte é, para a consciência coletiva, um afastamento entre o indivíduo e a convivência humana. Esta separação tem um caráter temporário e pretende fazer com que o morto passe da sociedade palpável dos vivos à sociedade invisível dos ancestrais.

Estudar a morte é estudar a história do homem, pois ela é tão antiga quanto o próprio homem. Temos sempre sua percepção, mas não temos certeza do que de fato ela é, do que nos espera. A reflexão sobre a morte é também sobre a vida. Não é possível se analisar o sentido da vida sem se deparar com o problema do sentido da morte. O homem, apesar de se esquecer algumas vezes disso, é um animal e está subordinado às leis da natureza. Portanto, morte e vida coexistem em seu mundo. Dessa forma, pela sua natureza animal, ele está inserido no ciclo da vida e da morte. Morrer é necessário para a manutenção e aprimoramento da espécie; morre-se para que outros possam nascer. É fundamental entendermos e aceitarmos a finitude da vida, não como um obstáculo, mas como um catalisador, um estímulo para vivermos senão mais, então que seja melhor, intensamente apreciando cada segundo.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Concerto para o corpo e a alma**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

---. **O homem diante da morte**. Tradução: Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989 (2 Volumes).

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

BORGES, Maria Eliza. “Arte funerária: representação da criança despida”. In: **História** (São Paulo). São Paulo: Unesp, 1995, pp 173-187.

---. “A fotografia e as representações da morte”. In: **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp 62-67.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Cemitério Municipal São Francisco de Paula**: monumento e documento. Curitiba: Prefeitura Municipal, Casa Romário Martins, 1995.

CASTELLS, Manuel. “Negação da Morte”. In: **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel. “A beleza do morto”. In: ---. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CHAUÍ, Marilena. “Política cultural, cultura política e patrimônio histórico”. In: ---. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2003. p 39

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COPPE, Antônio A. F. “Morte: uma questão em vida”. In: **Cadernos de Psicologia**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 1995.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FEBVRE, Lucien. “Obra mestra: o problema da descrença no século XVI (1942)”. In: MOTA, Carlos G. (Org.) **História**. São Paulo: Ática, 1978.

HEIDEGGER, Martin. **O ser e o tempo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KAMPMANN, Rodrigo Rafael. **A geocartografia na pesquisa dos municípios**: uma proposta para estudo. Uniãoeste – Campus de Francisco Beltrão, 2003.

KIERKEGAARD, Soeren. “Migalhas filosóficas”. In: ---. **Dialética e liberdade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1993.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MEZZOMO, Frank Antônio. **Religião, nomos e eutopias**: Práxis do Catolicismo no Oeste do Paraná. Cascavel: Edunioeste, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. "Da utilidade e dos inconvenientes da História para a vida". In: ---. **Considerações intempestivas**. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Puc, 1981.

OBBERG, Kalervo; JABINE, Thomas. **Toledo, um município da fronteira Oeste do Paraná**. Rio de Janeiro: SSR, 1960, p 106.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1989.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte necrópole da vida**: um estudo geográfico de cemitério da Vila Formosa. São Paulo: Cartago Editorial, 2000.

RUFFIÉ, Jacques. **O sexo e a morte**. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SCHULER, Max. **Morte e sobrevivência**. Lisboa: Edições 70, 1993.

VICENT, Gerard. "O corpo e o enigma sexual". In: PROST, Antonie; VICENT, Gerard (Orgs.). **História da vida privada**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (Vol. 5).

FILME

MASAGÃO, Marcelo. "Nós que aqui estamos, por vós esperamos". 1995.

REVISTA VARIA SCIENTIA
Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber